



IV Congresso Internacional de Educação- Violência de gênero, racismo, identidade e preconceito:  
Novos tempos, velhos desafios da sociedade da desigualdade

## **O PAPEL TRANSFORMADOR DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE FUTUROS PROFESSORES DE DIFERENTES ORIGENS ÉTNICAS**

Cleonice Alves dos Santos, UFMS

[cleosantosalves2015@gmail.com](mailto:cleosantosalves2015@gmail.com)

Darileny Pereira, UFMS

[darilenyjesus@hotmail.com](mailto:darilenyjesus@hotmail.com)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Cristina D. F. Cunha, UFMS

[fatima.cunhs@ufms.br](mailto:fatima.cunhs@ufms.br)

### **RESUMO**

O presente trabalho relata a relevância crucial do estágio na formação de futuros professores pertencentes às comunidades negras e indígenas. Buscando a promoção da diversidade étnica e a abertura curricular para abordar esses aspectos de maneira eficaz durante o estágio. A pesquisa, baseada nas experiências de duas acadêmicas do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus de Aquidauana), destaca o papel fundamental desempenhado pelo estágio na preparação de professores com diferentes origens étnicas para atuarem em ambientes escolares urbanos. Ressalta-se no trabalho como o estágio pode abrandar os problemas enfrentados por professores indígenas ou quilombolas, que por vezes evitam escolas urbanas devido à percepção de exigências superiores, fora de sua "zona de conforto". Os resultados enfatizam a importância crucial de incorporar experiências práticas em ambientes diversos durante a formação de professores. Essa abordagem visa capacitá-los não apenas a lidar com as demandas de salas de aula inclusivas, mas também a desenvolver sensibilidade cultural, consolidando assim sua formação docente de maneira abrangente.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva; Experiência Docente; Grupos Étnicos; Formação Docente.

### **ABSTRACT**

This work reports the crucial relevance of the internship in the training of future teachers belonging to black and indigenous communities. Seeking to promote ethnic diversity and curricular openness to address these aspects effectively during the teaching internship. The research, based on the experiences of two academics from the pedagogy course at the Federal University of Mato Grosso do Sul (Aquidauana Campus), highlights the fundamental role played by the internship in preparing teachers with different ethnic origins to work in urban school environments. The work highlights how the teaching internship can alleviate the problems faced by indigenous or quilombola teachers, who sometimes avoid urban schools due to the perception of higher demands, outside their "comfort zone".

The results emphasize the crucial importance of incorporating practical experiences in diverse environments during teacher training. This approach aims to enable them not only to deal with the demands of inclusive classrooms, but also to develop cultural sensitivity, thus consolidating their teaching training in a comprehensive way.

**Key words:** Inclusive education. Teaching Experience. Ethnic groups. Teacher Training.

## INTRODUÇÃO

A instituição do ensino superior no Brasil remonta à chegada da corte portuguesa ao país em 1808. Durante a permanência da família real portuguesa, foram fundadas as pioneiras instituições de educação superior. Inicialmente voltadas para atender às demandas específicas da corte, ao longo dos anos subsequentes, consolidaram-se como espaços de discussões sobre a realidade social, não apenas em termos teóricos (Jesus, 2020).

Em 1942, o estágio supervisionado foi introduzido nas instituições de ensino brasileiras como complemento à formação teórica dos alunos, inicialmente focado no ensino industrial. Na década de 1960, durante a expansão das universidades públicas, a pesquisa tornou-se uma prioridade, afetando a formação de professores. Até os anos 1990, não havia requisitos de estágio na formação de professores (Boas e Carrieri, 2013).

No entanto, quando voltamos as atenções para a formação de professores afrodescendentes ou indígenas, torna-se perceptível que há uma inadequação dos atuais modelos pedagógicos que não consideram suas especificidades culturais, gerando uma desconexão entre as práticas de estágio e as vivências reais nas salas de aula. O debate sobre diversidade cultural e atuação do corpo docente nas escolas, é fundamental para o combate aos estereótipos e preconceitos, especialmente em cidades com presença massiva desses grupos étnicos.

A falta de abordagem sobre as contribuições culturais desses grupos nos currículos escolares perpetua lacunas na compreensão da diversidade brasileira. Isso muitas vezes cria obstáculos significativos para professores afrodescendentes ou indígenas em formação durante o estágio fora de suas comunidades tradicionais. Quando a experiência desses profissionais se limita ao estágio apenas em seus próprios contextos, isso os submete à restrição psicológica de que sua atuação é viável somente dentro do contexto de seus "iguais" culturalmente. Solucionar essa questão requer políticas educacionais que fomentem a diversidade, juntamente com a revisão dos currículos e práticas de estágio para incorporar a valorização e respeito às perspectivas afrodescendentes e indígenas. O objetivo é formar professores capazes de atuar em ambientes educacionais diversos, mais acolhedores e verdadeiramente inclusivos.

Compreender as barreiras, os desafios e as oportunidades que esses futuros educadores

encontram ao longo de sua jornada de formação é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de promoção da diversidade étnica no ensino e para avançar na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Neste contexto, este artigo se propõe debater as principais questões étnico-raciais vivenciadas na formação docente de negros e indígenas, a partir da perspectiva de duas acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Aquidauana (UFMS) campus de Aquidauana (CPAQ), após a experiência de estágio supervisionado, debatendo as políticas públicas, as práticas educacionais e os fatores socioeconômicos que afetam a formação de professores negros e indígenas, bem como os impactos dessa formação na educação inclusiva e na promoção da igualdade étnico-racial. Ao abordar essas questões, esperamos contribuir para um diálogo informado e embasado sobre como a formação docente pode se tornar um instrumento efetivo na luta pela equidade étnico-racial no sistema educacional brasileiro.

## **2 EDUCAÇÃO INDÍGENA**

A educação para comunidades indígenas no Brasil, historicamente, seguiu princípios de catequização e integração, negligenciando a rica cultura tradicional indígena do século XVI até meados do século XX. Essa abordagem, realizada por instituições educacionais controladas pela igreja e, posteriormente, pelo Estado, promoveu a imposição de uma cultura diferenciada, negando a identidade indígena. A primeira fase, durante o período colonial, foi marcada pelos Jesuítas, que utilizavam a educação escolar indígena para catequese e conversão, além de empregar os indígenas como mão de obra na colonização.

A segunda fase, do final do século XVIII até meados do século XX, foi influenciada pelo "Diretório dos Índios" em 1758, instituindo diretrizes que impactaram diversos setores coloniais. Estabeleceu a obrigatoriedade de escolas públicas, proibiu línguas maternas e incentivou o casamento interétnico. O "Diretório" perdurou até 1798, dando lugar à criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1910, afastando a educação indígena da igreja.

A terceira fase, durante o governo militar nos anos 1970, testemunhou o surgimento de organizações governamentais e não governamentais pró-indígenas. Simultaneamente, comunidades indígenas se organizaram, marcando o início da quarta fase. Essa última fase busca superar a submissão das populações indígenas, envolvendo-as ativamente na formulação de políticas, garantindo territórios e valorizando suas línguas maternas, representando um novo significado para a educação nas comunidades indígenas.

## 2.1 EDUCAÇÃO AFRODESCENDENTE

A educação escolar quilombola, ou afrodescendentes, no Brasil emerge de um contexto histórico marcado por séculos de escravidão e discriminação racial. A população negra, enfrentou desafios significativos para acessar uma educação de qualidade ao longo da história do país. A escravidão, que persistiu por séculos, negou o direito à educação a muitos negros, perpetuando um cenário de exclusão (Silva e Menezes, 2022).

A abolição da escravatura em 1888 trouxe consigo a necessidade de integrar a população negra recém-libertada no sistema educacional. No entanto, a implementação efetiva de políticas educacionais inclusivas e voltadas para essas comunidades foi historicamente limitada. O preconceito racial e a falta de recursos contribuíram para a persistência das desigualdades educacionais, afetando o acesso, permanência e qualidade do ensino para populações negras (Lopes e Braga, 2007).

Somente nas últimas décadas, com o reconhecimento da importância da diversidade cultural e étnica, houve uma maior atenção para as especificidades da educação afrodescendente. A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 estabeleceram bases legais para a promoção da diversidade e o respeito às características culturais dos diferentes grupos étnicos (Debiais, 2020).

No entanto, desafios persistem. As comunidades negras ainda enfrentam obstáculos como a falta de estrutura adequada nas escolas, ausência de material didático contextualizado e a necessidade de professores sensibilizados para as questões específicas dessas comunidades, especialmente no contexto do estágio, no preparo e capacitação desse professor para as situações que estes vão enfrentar em sala de aula. A luta pela implementação de uma educação escolar quilombola de qualidade continua, ancorada no reconhecimento da diversidade cultural e na superação das desigualdades historicamente impostas à população negra no Brasil.

## 2.3 O ESTÁGIO

O estágio é um norteador central na construção da prática docente, representa ainda uma fase crucial para o desenvolvimento profissional de professores, sobretudo para aqueles que pertencem a grupos historicamente marginalizados, como indígenas e afrodescendentes, que muitas vezes enfrentam ambientes descontextualizados (Souza, 2019).

O histórico do estágio remonta a um processo evolutivo, refletindo mudanças nas abordagens pedagógicas e nas demandas sociais (Pimenta e Lima, 2010). No contexto específico de professores indígenas e afrodescendentes, essa etapa adquire uma importância singular. Para compreendermos plenamente essa dinâmica, é crucial explorar não apenas a evolução do estágio, mas também a interseção desses profissionais com ambientes descontextualizados.

A formação docente, ao longo do tempo, tem evoluído para incorporar métodos mais inclusivos e sensíveis à diversidade cultural (Canen e Xavier, 2011). No entanto, parece persistir os desafios para os professores indígenas e afrodescendentes, que acabam atuando geralmente dentro de suas próprias comunidades (Gusmão, 2012; Gomes e Jesus, 2013), e quando inseridos em ambientes descontextualizados, suas experiências e culturas parecem muitas vezes não serem reconhecidas. O estágio, nesse sentido, emerge como uma oportunidade crítica para enfrentar esses desafios.

A importância do estágio para professores indígenas e afrodescendentes em ambientes descontextualizados reside na capacidade de proporcionar uma experiência prática que transcende as barreiras teóricas. Ao vivenciar o contexto real de sala de aula, esses educadores têm a oportunidade de adaptar estratégias pedagógicas, respeitando e valorizando suas próprias heranças culturais (Delfino, 2018).

No entanto, é imperativo reconhecer que, para atender plenamente às necessidades desses professores, as instituições de ensino superior devem adotar abordagens mais sensíveis à diversidade em seus programas de estágio. Isso implica uma revisão crítica dos currículos, a promoção de ambientes inclusivos e a incorporação de práticas pedagógicas que levem em consideração a pluralidade cultural (Herbetta, 2018).

O histórico do estágio revela não apenas a evolução do ensino, mas também a necessidade de abordar as lacunas existentes, especialmente no que diz respeito aos professores indígenas e afrodescendentes em ambientes descontextualizados. Através de uma abordagem cuidadosa e adaptativa no estágio, é possível não apenas capacitar esses educadores, mas também transformar positivamente a dinâmica educacional, promovendo a equidade e a valorização da diversidade (Costa e Lira, 2022).

Desta forma, o presente trabalho trás o relato de experiência de duas acadêmicas de grupos étnicos diferentes, sendo uma indígena e outra afrodescendente, no decorrer do seu estágio em escolas da cidade de Aquidauana. São debatidos os principais pontos de enriquecimento profissional experienciados, assim como as principais questões étnicas observadas que possam gerar debates para com objetivo de melhorar esta importante etapa da formação docente.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Darileny e Cleonice são graduandas do curso de Pedagogia no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Aquidauana, foram as participantes desta experiência de estágio. Os estágios da acadêmica Darileny Pereira foram desenvolvidos na educação infantil no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Ademir Brites e no ensino fundamental I na escola Municipal Erso Gomes, ambas localizadas na cidade de Aquidauana, já a acadêmica Cleonice Alves

apenas na escola Erso Gomes, atuando nas etapas do ensino fundamental I.

A seleção das instituições para a realização dos estágios pautou-se na sua relevância socioeducacional, na proximidade geográfica com a universidade e na perspectiva de proporcionar ganhos significativos em aprendizado e vivência para as acadêmicas. Essa escolha foi alinhada aos interesses de formação das estudantes, com o propósito de compreender os desafios e as potencialidades do ensino em ambientes desafiadores.

O processo de planejamento incluiu a definição de objetivos educacionais alinhados aos currículos escolares pertinentes. Ademais, buscou-se oportunizar a apresentação de aspectos étnicos e culturais considerados relevantes pelas acadêmicas, promovendo a valorização dos grupos étnicos locais.

A diversificação das estratégias pedagógicas foi uma abordagem adotada, visando enriquecer a experiência de ensino. Em complemento, houve uma preparação de materiais didáticos adaptados às possibilidades para a vivência docente, garantindo uma abordagem produtiva e contextualizada.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante o período do estágio, foram conduzidas aulas teóricas e práticas, implementando atividades lúdicas e mantendo um diálogo e contato constante com os alunos. Alguns desafios foram encontrados no decorrer do estágio de ambas as acadêmicas, incluindo a escassez de recursos didáticos, porém, nenhum tão grande quanto se imaginou encontrar. De maneira persistente, buscou-se sempre a adaptação de metodologias para envolver os alunos.

Os registros diários, observações em sala de aula foram empregados como instrumentos de coleta de dados, descrevendo as percepções e impressões diárias tanto pelas acadêmicas quanto dos alunos.

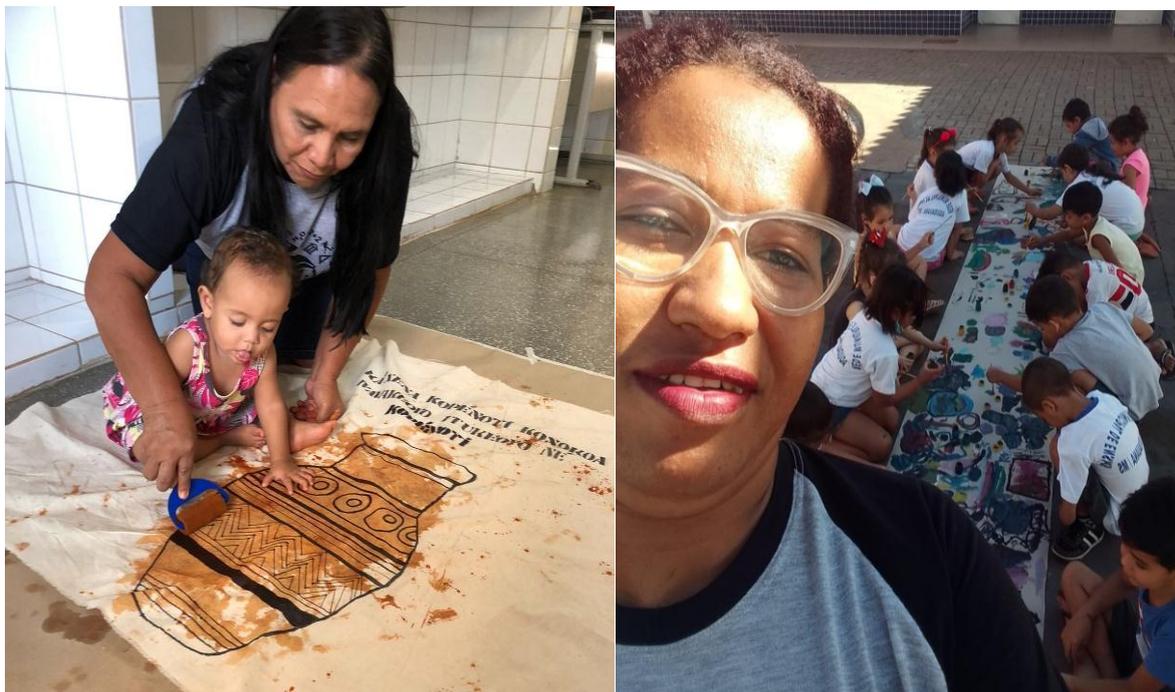
No decorrer das atividades desenvolvidas durante o estágio em educação infantil, a abordagem dos aspectos da cultura indígena e afrodescendente como ferramentas educacionais foi calorosamente recebida pela administração escolar.

Este cenário refletiu a postura respeitosa e aberta da instituição em relação à apresentação da riqueza cultural indígena e afrodescendente, uma presença marcante no entorno escolar, sendo incorporada de maneira intrínseca pelas acadêmicas em processo de formação docente. Presumia-se que as oportunidades para explorar nossas percepções culturais no contexto do estágio de docência seriam limitadas, sobretudo devido à rigidez do currículo formal, entretanto, a experiência foi bem aceita.

Nesse contexto, tornou-se evidente a relevância de destacar uma cultura muitas vezes subestimada e desvalorizada pela comunidade local da cidade de Aquidauana, apesar da significativa

presença dessas populações em aldeias indígenas e comunidades quilombolas da região.

### **Aula Prática**



Fonte: arquivo pessoal.

Acadêmica Cleonice, em atividade de pintura com alunos do 2º ano do ensino fundamental, durante aulas práticas com desenhos e pinturas de suas respectivas percepções culturais, à esquerda Darileny em atividade de pintura com uma aluna da educação infantil.

Trabalhar a cultura desde os anos iniciais do ensino fundamental, não exclusivamente em contextos escolares indígenas ou quilombolas, mas também em ambientes descontextualizados como as escolas urbanas, revela-se crucial para a valorização cultural e fomento do respeito às diversas manifestações culturais.

Esta abordagem contribui significativamente para a mitigação do racismo latente nas interações sociais, especialmente diante do aumento alarmante de episódios de discriminação velada na cidade, notadamente evidenciados em plataformas de redes sociais através de comentários permeados por preconceitos.

Nossa cultura indígena e quilombola se destaca pela sua riqueza, diversidade e vibrante expressão, apresentando um notável potencial para ser explorada no contexto educacional. Isso vai além das manifestações visuais, exemplificadas nas atividades representadas pela figura XX, a culinária emerge também como uma ferramenta pedagógica enriquecedora, capaz de promover a valorização cultural mediante a integração de princípios pedagógicos fundamentais.

## Hihi



Fonte: Campo Grande News, 2015

Hihi, prato típico da cultura terena, preparado à base de mandioca ralada e cozida, ótima opção para acompanhamento de refeições escolares por não apresentar em seu preparo adição de sal ou conservantes.

No contexto das pausas alimentares, foram trabalhadas a questão da incorporação de refeições originárias de comunidades quilombolas à nossa culinária contemporânea. Este enfoque proporciona aos alunos uma compreensão mais profunda, evidenciando que muitos pratos apreciados por eles têm suas raízes nos quilombos.

Além disso, também foram apresentados alguns pratos da cultura indígena Terena, como o hihi, proporcionando aos estudantes a oportunidade de experienciar essas iguarias em primeira mão.

## Hora do lanche



Fonte: Arquivo pessoal.

Alunos durante o lanche, momento de interação e conversação. Na educação infantil, hora do lanche, imagem à esquerda, o cuidado e auxílio na refeição eram as principais interações com os alunos, porém nos anos iniciais eram sempre explicações das origens de cada alimento no nosso cotidiano, como a feijoada, o arroz com frango, guizados entre outros, pratos com origens quilombolas que muitas vezes são desconhecidas. Oportunas as crianças experimentar algumas comidas típicas diferenciadas e conhecer um pouco da história dos alimentos.

Os primeiros anos do ensino fundamental constituíram turmas nas quais a dinâmica e a interação com os alunos proporcionaram experiências notavelmente impactantes, sobretudo do ponto de vista das expectativas inicialmente concebidas. Foi nesse contexto que os estudantes evidenciaram maior curiosidade em relação aos aspectos culturais, engajando-se de maneira positiva nas aulas ministradas.

Tal fato pode ser atribuído, em grande parte, à faixa etária dos alunos provenientes da educação infantil, a qual difere significativamente da concepção inicial da atuação docente quando ainda no ambiente acadêmico.

Ou seja, muitas vezes não se imagina lidar com crianças tão pequenas, assim como bebês. Este desafio, experimentado durante o estágio, revelou-se enriquecedor para o crescimento profissional, evidenciando que ser professor implica verdadeiramente ser um profissional dotado de múltiplas habilidades.

Certamente, os aspectos culturais desempenham um papel fundamental para nós, entretanto, as etapas pedagógicas inerentes ao estágio, como a regência, também foram meticulosamente executadas, seguindo a prática comum entre os acadêmicos.

Esta etapa, evidencia a capacidade dos acadêmicos pertencentes a grupos étnicos específicos

de atuar em contextos não convencionais, indo além das fronteiras das aldeias indígenas ou comunidades quilombolas.

### **Acadêmicas e aula expositiva**



Fonte: Arquivo pessoal.

Cleonice e Darilene em aula expositiva, atividade convencional que deve ser experienciada no estágio para estruturação da formação docente.

Em diálogos habituais com colegas acadêmicos, seja pertencente a grupos indígenas, afrodescendentes ou de outras composições sociais, observa-se a predileção desses acadêmicos em escolher escolas em suas próprias comunidades para desenvolver seus estágios. Geralmente, essa escolha é justificada pelo conhecimento prévio dos gestores, o que reduz a intimidação psicológica resultante de demandas muitas vezes inexistentes, mas presentes em nosso subconsciente.

O planejamento para o estágio de docência foi amplamente respaldado, especialmente considerando as expectativas associadas a esse primeiro contato com os alunos, na posição de professoras.

A magnitude das expectativas gerou um significativo envolvimento no processo de estudo e preparação. Contudo, é inegável que, para muitos, o estágio representa a oportunidade de se deparar com situações que podem resultar em frustrações e alterações nas perspectivas. Isso foi evidente em nossa experiência, particularmente ao lidar com a educação infantil.

Cuidar de crianças é um desafio considerável, implicando uma responsabilidade imensa devido à atenção individual necessária para essa faixa etária.

Sem dúvida, a preferência por áreas de atuação é uma escolha individual, e cada pessoa possui perspectivas distintas. Nesse contexto, observa-se que as experiências vivenciadas desempenham um papel crucial na orientação do acadêmico para a escolha de sua futura atuação profissional.

É durante esses momentos que ele tem a oportunidade de imergir na rotina da profissão escolhida, aplicando na prática os conhecimentos adquiridos nas instalações acadêmicas. Adicionalmente, o estágio supervisionado oferece uma plataforma para reflexão acerca dos diagnósticos e experiências adquiridas durante esse período. Isso contribui para que o acadêmico identifique suas habilidades e interesses, proporcionando uma visão mais clara e fundamentada na hora de definir sua trajetória profissional.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A vivência foi crucial para aprimorar a formação acadêmica, proporcionando momentos preciosos para o futuro desempenho como educadoras. A quebra de expectativas revelou-se um elemento positivo na interação das acadêmicas com as escolas. Inicialmente, imaginava-se que as oportunidades para explorar e valorizar os aspectos culturais em sala de aula seriam limitadas.

No entanto, ao término do estágio, percebemos um significativo aumento em nossa capacidade e convicção de que a escolha pela docência e pedagogia foi acertada.

Conscientes da complexidade do caminho docente, compartilhamos com os colegas em formação a conclusão de que o estágio proporciona uma compreensão abrangente e reflexiva. Isso não apenas se traduz em ações práticas, mas também em reflexões críticas sobre a trajetória educacional, constituindo, portanto, uma parte essencial da formação docente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.484, de 27 de junho de 1928.** Regula a situação dos índios nascidos no território nacional. Poder Executivo Federal. D.O.U. 31/12/1928.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília MEC/SEF de 1998.

BURATTO, Lucia Gouvêa. **A educação escolar indígena na legislação e os indígenas com necessidades educacionais especiais.** Universidade Estadual de Londrina, 2007.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. **Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas.** Revista Brasileira de Educação, v. 16, p. 641-661, 2011.

COSTA, Dhessika Riviere Rodrigues dos Santos; LIRA, Margaret Olinda Souza Carvalho e. **Capacitação de educadores sociais através de projeto de extensão universitária: relato de experiência.** Sağlık Akademisi Kastamonu, v. 7, n. Special Issue, p. 133-134, 2022.

DEBIASI, Andréa Andrade Alves. **A Valorização do Interculturalismo no Processo de Ensino e Aprendizagem na Educação Básica de Orleans (SC): a Memória Identitária Local como Proposta Pedagógica.** Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, 2020.

DELFINO, Leonara Lacerda. **O estágio supervisionado em comunidades etnoeducacionais indígenas e quilombolas: um ensaio sobre a questão curricular nos anos 2000.** Caderno Pesquisa do Cdhis, vol. 31, n.1. Uberlândia, MG. 2018

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **A educação escolar indígena: Um diagnóstico crítico da situação do Brasil.** In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). 2ª ed. Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: educacional e indagações para a pesquisa.** Educar em Revista (Impresso), v. 47, p. 19-33, 2013.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: desafios da formação docente.** REALIS | Revista de Estudos AntiUtilitarista n. 1 (2012).

HERBETTA, Alexandre Ferraz. **Políticas de inclusão e relações com a diferença: considerações sobre potencialidades, transformações e limites nas práticas de acesso e permanência da UFG.** Horizontes Antropológicos, v. 24, p. 305-333, 2018.

KNAPP, Cássio. **O ensino bilíngue e educação escolar indígena para os Guarani e Kaiowá de MS.** Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, 2016.

LOPES, Maria Auxiliadora; BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Acesso e permanência da população negra no ensino superior.** Brasília, DF: UNESCO, 2007. 355 p. (Educação para todos; 30). 2007.

MILHOMEM, Maria Santana Ferreira dos Santos. **Educação escolar indígena: As dificuldades do currículo intercultural e bilíngue.** Revista Fórum (Identidades), ano 2, vol. 3. 2008.

NOBRE, Domingos. **História da educação escolar indígena no Brasil.** 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio Docência. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, José Bezerra; MENEZES, Anderson de Alencar. **Educação escolar quilombola: do silenciamento à emancipação.** Filosofia E Educação, vol. 14, n. 1, 240–258. 2022. <https://doi.org/10.20396/rfe.v14i1.8664170>.

SOUZA, Janaina Aline dos Santos. **A prática docente Guarani Mbya: liderança, engajamento e luta.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2019.